

Pandemónio na casa de descanso I



Correria pelos corredores da Casa de Descanso... As enfermeiras, desesperadas, batem à porta, insistentemente, com receio que, desta vez, alguma coisa séria tenha acontecido de verdade.

A janela está trancada, com as pesadas cortinas completamente fechadas, de modo que não se pode ver o que acontece lá dentro. Parece que tudo está às escuras. Nem o gato mia, apesar das batidas insistentes.

As enfermeiras ganham uma trégua momentânea... A directora fora chamada. Do meio da sala principal, ela exige respostas.

Há três dias que não se sabe o que acontece no quarto. Há três dias que o homem não sai para fora dos aposentos. Seu velho e companheiro gato está preso lá dentro com ele e nenhum som se consegue ouvir, vindo do pequeno apartamento, provido somente de uma saleta, com uma poltrona e uma escrivaninha à janela, um quartinho com cama e mesinha de cabeceira e um pequeno banheiro com chuveiro. Nada ali é luxuoso, mas confortável o suficiente para uma pessoa que já vive sozinha a sua vida pacata e, quiçá, repleta de recordações.

A directora pergunta como as enfermeiras deixaram de informar o acontecido antes, mas aparentemente ninguém se deu conta que o velho não aparecera às refeições, por tanto tempo. Estas eram religiosamente servidas a cada três horas – duravam cerca de uma hora, cada – e ninguém ousava se atrasar, pois a rotina da cozinha e copa não era quebrada por nada, naquela casa. Quem não estivesse à mesa, tinha que esperar pela próxima ocasião. As enfermeiras não costumavam forçar a presença dos residentes a estas reuniões, pois muitos deles não eram habituados a mais que três refeições por dia. Pular uma ou outra, já era rotina aceita, pois, entre as principais, sempre era servido café e chá com pãezinhos, biscoitos ou bolinhos,

sempre acompanhados de geléias, margarina e manteiga, queijo magro e, vez ou outra, algum presunto de frango também.

As moças tinham ordens para manter os alimentos com colesterol baixo sempre à disposição, mas deviam evitar os mais gordurosos – estes, veementemente proibidos pela directora.

Uma das enfermeiras explica que, como a chuva daqueles dias os impedia de ir ao pátio jogar ou tomar sol, as idas e vindas à sala de TV e jogos não eram cronometradas, nem controladas. Com tantos outros afazeres e tantos outros velhinhos para cuidar, elas não notaram a falta...

...Ou notaram, mas não acharam que fosse algo grave ou digno de nota. O velho não é uma pessoa fácil. Muitas vezes era mais um incómodo do que uma simpatia. As enfermeiras o evitam e, na maioria das vezes, os outros moradores da casa também, especialmente quando ele resolve que é tempo de se isolar. Pelo jeito, agora era uma destas ocasiões.

Sabia-se, porém, que o homem não havia saído, pois o portão era vigiado 24 horas por dia e não havia tido nenhuma saída registrada nestes últimos dias.

Mesmo assim, a directora está apreensiva. Uma das enfermeiras mais antigas da casa, a enfermeira-chefe, já acostumada com estas viradas de humor do velho, não se mostrava tão perturbada quanto as outras, mas sabia que ia ser responsabilizada pela negligência. O olhar da directora, entre preocupada e furiosa, cruza com o seu e ela percebe que vai ser atacada.

Sem se colocar na defensiva, a enfermeira se aproxima e se prepara para ouvir o sermão. O velho não aparecia às refeições já há algum tempo e ela sabia que esta, provavelmente, seria a primeira interpelação da directora.

- Água! Água! – grita uma voz feminina, vinda do corredor.

Os passos apressados da mulher ecoam pelo corredor e paredes. Todos olham para aquela direcção, enquanto a enfermeira-chefe solta um contido suspiro de alívio. A directora se vira e corre ao encontro da outra, esquecendo, momentaneamente da mulher que se encontrava à sua frente, segundos atrás. As outras seguem a austera administradora da casa, com a mesma pressa e um misto de curiosidade e apreensão.

Os homens se olham, dão de ombros e voltam para a sala de TV. Ia começar o jogo de futebol e eles queriam assistir...

- Água...ouvi o som de água. Parece ser o chuveiro! – disse, por fim, a esbaforida mulher, que aparece no fim do corredor e que logo percebe que já deveria estar indo na direcção contrária, pois as outras a atropelam na direcção do quarto do velho.

A mulher gira sobre si mesma, perde o equilíbrio, mas nem cai, pois uma outra engancha-se ao seu braço e a arrasta de volta pelo corredor adentro. A gritaria recomeça. Aquele mulherio todo falando ao mesmo tempo, transformam a casa de descanso num pandemónio. Ao chegarem em frente à porta trancada há três dias, a directora levanta a mão e pede silêncio. Como por mágica, todas obedecem e se calam.

- Ouçam! – disse a mulher, com autoridade.